



FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE MÚSICOS
2^{da} Conferência Internacional de Orquestras
Amsterdan, 9 de março de 2011

Declaração Final

I. FINANCIAMENTO DE ORQUESTRAS

1.1 Obtenção de recursos públicos / privados no meio econômico atual

- Em diversos países com tradição sinfônica, muitas orquestras estão sendo ameaçadas com cortes de orçamento, redução de atividades e até o encerramento das mesmas. Os discursos quanto aos motivos por trás de tudo isto podem variar, mas a crise financeira tem sido usada como mais um motivo para uma redução severa da contribuição de recursos públicos e privados voltados à arte e à cultura.
- Embora as orquestras não devam estar desligadas do resto da economia, aqueles que elaboram políticas, assim como patrocinadores privados, deveriam vislumbrar o quadro como um todo e ter em mente sua responsabilidade social e cultural, no que tange manter vivas as instituições musicais, visando preservar as mesmas como um presente para as gerações futuras, fazendo deste um mundo melhor.
- Ao mesmo tempo, manter a relevância das orquestras quanto à qualidade de vida nas comunidades, ainda que haja um declínio de recursos, é agora, mais do que nunca, uma prioridade.

1.2 Interdependência de depositários na economia da música executada ao vivo

- Quando decisões podem causar um impacto na capacidade de uma orquestra de cumprir com excelência suas atribuições, assim como sua missão, o envolvimento dos outros protagonistas da performance ao vivo se torna essencial. Da mesma forma, interagir com outros setores envolvidos, com a finalidade de estar ciente de todas as dimensões da música ao vivo, é igualmente essencial.
- A amplitude dos patrocínios está diretamente ligada ao nível do impacto positivo nas economias nacionais (turismo, restaurantes e bares, luteria, produção fonográfica...).

1.3 A gestão visionária

- A razão de ser da orquestra é múltipla. Ela pode ser considerada tanto um pilar da herança cultural quanto um instrumento para a criação e inovação musical. Uma avaliação profunda da qualidade de suas atividades e de seu sucesso deve considerar a devida medida de suas muitas dimensões: não apenas o nível de seu público padrão, mas também sua contribuição à composição de novas peças, assim como sua capacidade de atingir o público como um todo.
- A administração de uma orquestra é um ponto de junção entre os recursos humanos da instituição, seus parceiros financeiros e o público, envolvendo aptidões específicas, conhecimento especializado e experiência no que tange a cada um destes aspectos. Ela também deve se assegurar de que sua organização se adapte bem à era digital, respeitando os direitos de propriedade intelectual dos músicos.
- Hoje, qualquer orquestra, independentemente de sua reputação, pode ser surpreendida por uma verdadeira luta pela sobrevivência. Para que a orquestra seja vista pela sociedade como um componente vital, é responsabilidade do seu administrador ser imaginativo, criativo e inovador.

- O ambiente de uma orquestra, sempre em constante mutação, requer um relacionamento sempre renovado entre sua administração e os músicos, com a finalidade de assegurar uma parceria com caráter de inclusão entre ambos.

II. SAÚDE, PREVENÇÃO E BEM-ESTAR

2.1 Em direção a políticas eficientes de prevenção de riscos

- O campo da prevenção de riscos nas orquestras vem progredindo. Todavia, ainda é muito comum o caso de músicos serem expostos a riscos que poderiam facilmente ser reduzidos ou até mesmo evitados, particularmente no que concerne a melhoria das condições de trabalho.
- Uma prevenção de riscos eficiente requer uma interação constante entre a administração e os representantes dos músicos, com a finalidade de identificar os riscos, assim como investir em políticas de longo e curto prazo. Uma atenção específica deve ser dada ao que diz respeito à carga de trabalho em relação à carga-horária, monitoramento dos níveis de ruído, troca de cadeiras, consultas com fisioterapeutas e especialistas em lesões relacionadas ao trabalho e investigações quanto ao impacto físico de determinado repertório (tanto em termos de exposição ao ruído quanto de esforço físico).
- Com a finalidade de evitar problemas futuros, é necessária a detecção, por parte dos professores e dos pais, de hábitos e posturas durante o aprendizado de um instrumento musical.
- Músicos profissionais, assim como atletas olímpicos, devem ter acesso aos melhores especialistas médicos e tratamentos.

2.2 Reconhecimento de enfermidades ocupacionais

- A ocorrência de distonia focal entre músicos profissionais chega a ser 50 vezes maior do que na população em geral. Este fato, por si só, justificaria o desenvolvimento de uma política pública com vistas a evitar este risco. Entretanto, há outras enfermidades causadas direta e exclusivamente pela atividade do profissional de orquestra.
- A experiência de especialistas médicos, assim como pesquisas na área da saúde, podem ajudar a sociedade a entender melhor como estes problemas surgem durante a carreira de um músico, e assim reconhecê-los como enfermidades ocupacionais.

2.3 Apoio para os músicos de orquestra

- Trabalhar como músico profissional implica estar exposto à ansiedade e a um grande desgaste psicológico, devido a fatores acumulativos que podem incluir insegurança quanto à manutenção do emprego, o fato de depender muito do seu físico, de aparecer sempre em público, uma carga-horária incompatível com a vida em família etc.
- Um músico pode passar, durante sua carreira, por situações extremamente aflitivas, por qualquer uma das razões acima citadas. Quando isto ocorre, é crucial que haja apoio. Por exemplo, pode-se levar muito tempo até que se chegue a um diagnóstico de problemas de saúde tais como a distonia focal. Neste meio tempo, um músico que se encontra incapaz de tocar, pode ter a impressão de que seu problema não está sendo levado a sério, o que pode levar a graves problemas psicológicos, isto sem mencionar possíveis dificuldades financeiras.
- Assim sendo, a cooperação entre as partes é essencial para o bem-estar dos músicos.

III. RELACIONAMENTO – CONDIÇÕES DE TRABALHO

3.1 Complicações empregatícias

- A escassez empregatícia é uma tendência crescente em muitas áreas, a da música ao vivo entre elas. Isto se apresenta sob a forma de contratos de curta duração, em detrimento de modelos anteriores de longa duração, ou como uma pressão por parte do empregador, que força o músico a se declarar um autônomo, de modo a não haver obrigações junto à previdência social ou outras relacionadas ao contrato de trabalho.
- É de conhecimento geral – assim como uma questão de bom senso – que uma orquestra não pode dar o melhor de si a menos que esteja construída sobre alicerces artisticamente sólidos, algo que

demanda empregos permanentes e estabilidade. O som, a alma, a imagem e a reputação de uma orquestra dependem de uma interação sutil entre os músicos, que trabalham diariamente como uma equipe, algo que não pode ser alcançado com constantes reviravoltas.

- A incerteza na vida do músico cria mais um motivo para desgaste e tende a agir como uma desmotivação na identificação do profissional com a orquestra em que trabalha, algo que é claramente essencial para o sucesso da mesma. Desta forma, é absolutamente necessário lutar contra todos os tipos de incerteza no setor da música ao vivo.

Carga-horária

- No que diz respeito às orquestras, há similaridades e diferenças quanto à carga-horária. A carga-horária pode ser abordada em termos de, por exemplo:
 - A carga-horária total
 - Distribuição dos horários de trabalho (duração dos ensaios e dos concertos)
 - O quanto e até que ponto o tempo que dura uma viagem conta como carga-horária, ou o quanto conta como carga-horária aquele tempo em que o músico fica à disposição (durante turnês).
- Seja qual for a perspectiva adotada, o objetivo deve permanecer duplo:
 - Satisfazer a missão artística da orquestra.
 - Tomar o devido cuidado com a saúde e o equilíbrio pessoal dos músicos.

Assim sendo, uma troca de informações a respeito das melhores táticas pode ajudar a melhorar a organização do trabalho, para o benefício mútuo tanto da orquestra quanto dos músicos.

3.2 Cachês – Mobilidade – Deslocação – Concorrência desleal

- Há inúmeros exemplos de orquestras criadas artificialmente com o único propósito de realizar uma turnê, sendo logo depois desmanteladas. Ainda que os nomes dessas orquestras possam perdurar durante anos, os músicos que as integram vêm de lugares totalmente distintos, aceitando os cachês oferecidos, geralmente baixos, e as condições precárias de viagem e acomodação. Tais turnês costumam ser, quase sempre, organizadas por arregimentadores inescrupulosos, em detrimento da disponibilidade de profissionais locais e do público, que nunca é informado a respeito das condições da turnê.
- O empresário responsável pela turnê geralmente alega que os músicos estão trabalhando como prestadores de serviço, o que pode resultar, dependendo da legislação do país onde a turnê tem lugar, na desobrigação do mesmo com contratos coletivos de trabalho, assim como não ter que obedecer às leis e regulamentos aplicáveis aos empregados do setor.
- Estas situações são influenciadas pelas disparidades entre o país de origem do músico e o local do concerto.
- A troca entre culturas contribui mutuamente para o enriquecimento e diversidade culturais, e por isso, deve ser encorajada e facilitada, desde que a mobilidade dos músicos permaneça baseada em objetivos artísticos e não em práticas de negócio sem ética. Todavia, as orquestras temporárias não podem tirar o lugar de orquestras locais permanentes, que fornecem um serviço de interesse geral.
- Assim sendo, as organizações empresariais, os sindicatos e as autoridades públicas devem unir forças para lutar contra estas práticas injustas.